

Um Caminho Pós-humanista: A arte de capa da revista *Zanzalá* vol. 5

Edgar Franco (Ciberpajé)¹

Fui convidado pelos editores da *Zanzalá* a criar a arte de capa desse número que tem como tema “Imaginários contagiantes: Fantasia, horror e ficção científica na era da COVID-19”. Também convidaram-me a participar do dossiê apresentando algumas de minhas obras transmídia criadas no contexto do universo ficcional da Aurora Pós-humana durante a pandemia. Ao formalizar o convite para a criação da capa, o editor Alfredo Luiz Suppia disse-me que eu tinha total liberdade para criar a arte, e salientou que não havia necessidade de ser uma arte tenebrosa por tratar-se de tempos pandêmicos, poderia ter até um teor mais esperançoso.

Eu fiquei com essa sutil proposição em mente e deixei a ideia maturar por algumas horas até partir para a elaboração da base da arte. E tive um belo *insight* para sua criação, desenhar uma criatura pós-humana que mixasse em sua forma uma das visões mágicas que tive durante uma experiência enteogênica com o uso do cogumelo *Psilocybe cubensis*, a deusa medieval dos cogumelos Diana Funga, representação saxônica da fertilidade e conexão cósmica que tem como marca simbólica múltiplos seios, e unir à sua forma os quatro braços da conhecida deusa hinduísta Kali, uma representação divinal da Mãe Natureza, na qual os quatro braços evocam a criação, a preservação, a destruição e a transcendência para os que vão além da natureza em busca da integralidade de ser.

Ao iniciar a arte, também me veio à mente a figura simbólica da serpente do éden, e sua marca luciferiana libertária como representante do conhecimento do bem e do mal, a portadora da luz primeva que questiona o que a criou. Assim transformei a parte inferior da criatura em um corpo serpentálico. Penso que esses três mitos ancestrais – Diana Funga, Kali, e a Serpente –, provindo de culturas diferentes, agregam os valores que eu gostaria de sintetizar na arte de capa, representando as sensações mais pregnantes e vívidas que tenho experienciado durante esses tempos de COVID-19, sempre cambaleante entre as pulsões de vida (Eros) e de morte (Thanatos). Essa criatura fantástica obviamente pode ser enquadrada em meu universo de ficção científica da Aurora Pós-humana, sendo um ser tecnogenético, fruto de múltiplas hibridizações humanais da tecnologia hipergenética dessa espécie de seres.

Ao rascunhar o desenho eu tive outro *insight* para consolidar a ideia trazendo a ela um toque luminoso. Nesse caso imaginei um filho/filhote nascendo por bipartição dessa mãe pós-humana, mas diferente dela, com asas de borboleta e apenas um olho na testa – representando a abertura transcendente

¹ Edgar Franco é o Ciberpajé, um ser mutante como o Cosmos, em constante transmutação. Livre de dogmas e verdades, mago psiconauta pronto a experimentar a novidade, focado em viver o único momento que existe: o agora. Para a biografia completa, ver p. 153 deste dossiê.

do terceiro olho. A mãe, encantada com seu filhote inusual toca em seu dedo – uma referência à notória imagem do teto da Capela Sistina, a pintura A Criação de Adão, obra de Michelangelo Buonarotti na qual Adão toca o dedo de Deus – enquanto o bebê voador sorri (Figura 1).



Figura 1: Arte da capa em processo, versão em grafite, por Ciberpajé – arquivo pessoal

Esse ser que se desdobra a partir da matriz/mãe simboliza também um caminho de evolução espiritual rumo à integralidade de ser. Ao lado da mãe podemos ver dois cogumelos representando e reforçando o aspecto de reconexão cósmica proposto pela arte. A imagem também apresenta um caminho pós-humanista, que nesse caso difere-se da concepção tradicional de pós-humano como simples ampliação dos valores físicos e cognitivos humanos a partir da hipertecnologia, propondo um pós-humanismo que abdica do humanismo antropocêntrico e pensa o ser em equilíbrio dinâmico e amoroso com a natureza e o universo.

Concluída a versão inicial da arte, iniciei os trabalhos de colorização utilizando softwares gráficos

e posteriormente redes neurais que lançam mão do processo de *neural style transfer* para aplicar texturas à imagem. A princípio pensei em um estilo cromático mais leve e com cores quentes (Figura 2), mas percebi que a cena carecia de uma maior dramaticidade e parti para outras opções cromáticas e de textura.



Figura 2: Primeiro estudo de cores para a arte de capa em processo, por Ciberpajé – arquivo pessoal

Mudei completamente a proposta para a finalização da arte, buscando então ampliar o aspecto dramático e investindo em contrastes mais acentuados entre luz e sombra com predomínio dos tons azuis e ocre, além de buscar através da rede neural aplicar algumas texturas para dinamizar a versão final (Figura 3).



Figura 3: Versão final da capa com cores e texturas aplicadas, por Ciberpajé – arquivo do autor.

A arte finalizada para a capa de *Zanzalá* apresenta uma visualidade que pode facilmente inseri-la como uma obra no contexto da fantasia ou da ficção científica, e apesar de sua inspiração ter como um dos pontos centrais os tempos de pandemia que experienciamos, essa questão não é algo evidente nela, mas sim em seus significados simbólicos constituintes.